

Monumento à Restauração da Independência Nacional



Está localizado na Praça dos Restauradores, em Lisboa.

Trata-se dum monumento consagrado à restauração e à reconquista da independência nacional, depois de sessenta anos de domínio castelhano.

Trata-se de um conjunto de grande simplicidade e harmonia que foi projectado pelo Professor de Belas-Artes António Tomás da Fonseca e cuja construção esteve a cargo de Sérgio Augusto de Barros.

Com trinta metros de altura o memorial é composto basicamente por pedestal ou base, obelisco e envasamento. Na face norte do pedestal encontra-se uma imponente figura em bronze, representando o génio da Victória, que ostenta na mão esquerda uma palma e na direita, erguida ao alto, a coroa da glória. Este grupo escultório foi executado pelo escultor Simões de Almeida.

No lado oposto, virado a sul, uma outra imponente figura, igualmente em bronze, de um jovem alado rebentando os grilhões que o manietavam, representa o génio da liberdade e da independência, trabalho este que foi executado pelo escultor Alberto Nunes.

Nas quatro faces do monumento destacam-se vários elementos, em pedra, tais como o escudo real e os grupos de armaduras, estandartes e outros objectos militares, a par de variadas inscrições e datas, em referência ao feito militar que pretendem exaltar.

Numa das legendas pode ler-se «AOS RESTAURADORES DE 1640 – 1º de Dezembro de 1640» E NA OUTRA «EM 1886 POR SUBSCRIÇÃO NACIONAL ERIGIU A COMISSÃO CENTRAL DO PRIMEIRO DE DEZEMBRO DE 1640».

As inscrições constam de uma data significativa seguida de um resumo do acontecimento. Pela sua importância considera-se pertinente transcrever todas essas referências, por ordem cronológica:

12 DE AGOSTO DE 1641 – Os espanhóis atacam com forças numerosas a vila de SANTO ALEIXO. Perante a destruição total das muralhas defensivas, os habitantes em constante luta heróica refugiam-se na igreja, continuam a resistir valorosamente mas são obrigados a ceder perante a violência do ataque dum inimigo muito superior em número. A igreja, que ficou destruída, foi reedificada em 1683.

16 DE MARÇO DE 1642 – Os habitantes de ANGRA DO HEROÍSMO lutaram vitoriosamente contra os castelhanos, o que levou D. João IV a conceder àquela cidade o título de “Muito nobre e sempre leal cidade”.

26 DE MAIO DE 1644 – Sob o comando de Matias de Albuquerque, os portugueses entraram em Espanha e tomaram MONTIJO. Ao retirarem foram atacados por numerosas forças espanholas comandadas pelo Barão de Molinguen. O primeiro encontro não foi favorável às forças lusas, mas Matias de Albuquerque, em nova arrancada veio a ter grande êxito.

15 DE AGOSTO DE 1648 – Perante a decadência provocada pela dominação filipina, Portugal foi alvo de ataques exteriores; assim, os holandeses apoderaram-se de várias terras portuguesas do ultramar.

Em Agosto de 1648, Salvador Correia de Sá parte do Brasil com forças expedicionárias e consegue que ANGOLA volte ao domínio português.

27 DE JANEIRO DE 1654 – Os portugueses do Brasil pegam em armas para expulsar o usurpador holandês. Em 1644, Vidal Negreiros percorrendo interior do território incita a população à revolta. Em 1645 o madeirense João Fernandes Vieira levanta em PERNAMBUCO o grito da Revolta E SAI VITORIOSO EM TABOCAS.

Os holandeses acolhem-se então no Recife e sofrem durante nove anos os ataques dos patriotas locais. Estes, comandados por Francisco Barreto, saem vitoriosos nas duas batalhas de Guararapes. Em Janeiro de 1654 os Holandeses evacuam em definitivo do Brasil.

22 DE JUNHO DE 1658 – Forças portuguesas cercam BADAJOZ, mas são obrigadas a retirar com a notícia da breve chegada de numerosos efectivos espanhóis comandados por D. Luís de Haro.

14 DE JANEIRO DE 1659 – A Praça de ELVAS sitiada pelos castelhanos, é defendida heroicamente por D. Sancho Manuel até que chegue o auxílio de mais forças sob o comando do Conde de Cantanhede, as quais atacam e põem o inimigo em debandada com pesadas perdas na célebre batalha das linhas de Elvas.

8 DE JUNHO DE 1663 – A praça de Évora tinha capitulado perante forças espanholas de D. João de Áustria que a tinham sitiado. O Conde de Vila-Flor organiza e prepara um exército que ataca o inimigo em AMEIXIAL infligindo-lhe grande derrota.

24 DE JUNHO DE 1663 – Após Ameixial, o exército português preparou-se para reconquistar ÉVORA. Após a chegada de um reforço constituído por forças organizadas em Aldegalega pelo Marquês de Marialva, foi realizado um cerco em forma que durou oito dias.

Após este período, o Conde de Sertirona, governador da praça, teve de capitular, ficando a guarnição prisioneira até Outubro do mesmo ano.

2 DE JULHO DE 1663 – ALMEIDA, depois de assistir nos arredores a várias escaramuças entre forças portuguesas e forças espanholas, resiste a uma acção ofensiva do inimigo.

3 DE JULHO DE 1664 – O Duque de Ossuna cerca CASTELO RODRIGO. Pedro Jacques de Magalhães vem em socorro da praça forte e sai vitorioso da contenda com os castelhanos, que deixam muitos prisioneiros e importantes despojos militares.

14 DE JUNHO DE 1665 – VILA VIÇOSA sofre um ataque dum exército espanhol comandado por D. Luiz de Benevides Carrilho e Toledo. A guarnição da praça apenas contava com 1300 homens e tinha por comandante o capitão Manuel Nogueira. Os atacantes com um efectivo de 15000 homens foram sustidos após luta constante e violenta.

17 DE JUNHO DE 1665 – FILIPE IV de Espanha organiza um grande exército e entrega-o ao comando do Marquês de Caracena. Portugal é invadido pelo Alentejo, e não muito longe de Estremoz dá-se o encontro com o exército português do Conde de Castelo Melhor. A luta travada em MONTES CLAROS foi de grande violência e terminou em triunfo para as forças portuguesas.

13 DE FEVEREIRO DE 1668 – Renovadas as negociações já anteriormente iniciadas, é finalmente assinado o TRATADO DE PAZ. Portugal confirma assim a sua posição de Nação livre e independente.

A obra foi adjudicada, em 7 de Junho de 1877, por vinte e cinco mil escudos, a Sérgio Augusto de Barros e inaugurado em 28 de Abril de 1886.